

<http://dx.doi.org/10.17648/eidea-14-1664>

A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* EM PERGUNTAS E RESPOSTAS: O CASO DA ENTREVISTA

Alan Ribeiro Radiⁱ
Maria Flávia Figueiredoⁱⁱ

Resumo: Com base no conceito retórico de *ethos*, buscamos, nesta pesquisa, averiguar como dois oradores de caracteres distintos engendram discursivamente uma imagem positiva de si no objetivo de corresponder às expectativas de seus respectivos auditórios. Esperamos, dessa maneira, alcançar um objetivo maior que é entender de que forma os gêneros discursivos, os propósitos comunicativos e o *ethos* se interrelacionam. Para isso, contamos com a teoria retórica com fundamento em Aristóteles, Eggs, Meyer e Fiorin. No que concerne ao estudo dos gêneros, auxiliamos Cavalcante e Marcuschi. Ademais, valemo-nos das contribuições de Figueiredo no tocante à prosódia. Como *corpus*, selecionamos uma entrevista concedida por Padre Fábio de Melo a Danilo Gentili, que foi analisada de forma qualitativa. Os resultados demonstram que, na interrelação entre gênero discursivo, propósito comunicativo e *ethos*, o propósito comunicativo atua como protagonista, exercendo papel coercitivo sobre os gêneros nos quais o *ethos* se manifesta.

Palavras-chave: Retórica. Gêneros. Entrevista. *Ethos*.

Abstract: Based on the rhetorical concept of *ethos*, we seek to ascertain, in this research, how two arguers with distinct characters discursively build a positive image of themselves in order to meet the expectations of their respective audiences. In doing so, we hope to achieve a greater goal: to understand how genres, communicative purposes and *ethos* are interrelated. Thus, we will rely on the rhetorical theory through the works of Aristotle, Eggs, Fiorin and Meyer. In regard to genre studies, we will draw upon Cavalcante and Marcuschi. We will also count on the studies of Figueiredo about prosody. As *corpus*, we selected an interview given by Father Fabio de Melo to Danilo Gentili, which was analyzed qualitatively. The results show that, in the interrelationship between genre, communicative purpose and *ethos*, the communicative purpose is the protagonist and it exerts a coercive role upon genres in which the *ethos* is manifested.

Keywords: Rhetoric. Genre. Interview. *Ethos*.

ⁱ Mestrando em Linguística pela Universidade de Franca (UNIFRAN), com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), proc. 2016/17438-7, Brasil. E-mail: alanradi@hotmail.com.

ⁱⁱ Doutora em Linguística pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Docente da Universidade de Franca (UNIFRAN), Brasil. E-mail: mariaflaviafigueiredo@yahoo.com.br.

Introdução

Se pensarmos no poder de persuasão exercido por nossos discursos/textos, concluiremos que, para cada situação comunicativa, é necessário que façamos algumas deliberações acerca dos elementos composicionais de nosso texto. Tais elementos podem aumentar ou reduzir o nível de persuasão de nosso ato comunicativo. A retórica, como ciência, busca demonstrar quais desses elementos, empregados em cada caso, são mais persuasivos. Para tal, lança mão de duas modalidades de prova. As primeiras, não artísticas, são as provas prontas, ou seja, aquelas que não dependem da criatividade do orador e se constituem de confissões, testemunhos, gravações e outras. As segundas são as provas artísticas, isto é, aquelas formuladas discursivamente pelo orador durante o ato retórico e que se subdividem em três instâncias que compõem a tríade retórica (cf. ARISTÓTELES, 2005, p. 96) são elas:

1) *Logos*: essa prova retórica é criada pelos recursos do discurso, tais como: seleção dos elementos linguísticos constituintes do texto, forma de organização dos argumentos dentro do texto, adequação linguística considerando os componentes do auditório, entre outros, ou seja, caracteriza o discurso propriamente dito. Do *logos*, nascem as outras duas provas retóricas. 2) *Ethos*: essa prova considera a importância que se atribui à imagem do orador. Os discursos retóricos nascem com a finalidade de solucionar os problemas polêmicos da sociedade e, quando uma determinada pessoa se dispõe a apresentar a solução para tais problemas, acredita-se que o auditório ou o juiz confiará mais em um orador de boa conduta, de moral ilibada e que entenda sobre o assunto que se dispõe a resolver. Assim, as mostras de caráter e hábitos do orador, por intermédio de seu discurso, podem ampliar ou reduzir a capacidade persuasiva das teses defendidas. 3) *Pathos*: o auditório ou juiz, ao deliberar, pode aproximar-se da tese do orador se agir não somente pela lógica mas também por impulsos passionais. Então, o *pathos* é representado pelo conjunto de provas que despertam as paixões do auditório.

As provas retóricas, acima arroladas, podem ser detectadas nos discursos formulados para atingir a persuasão. Esses discursos foram categorizados, por Aristóteles, em três gêneros: *deliberativo* (em que o auditório ou os juízes pensariam em eventos do futuro a fim de julgá-los como convenientes ou prejudiciais), *judiciário* (em que eventos do passado seriam

avaliados como justos ou injustos) e o *epidítico* (em que não são tomadas decisões, apenas avalia-se algum ato ou trajetória de vida de determinada pessoa como bela ou não). A divisão em três gêneros tinha como finalidade permitir ao auditório saber o que seria tratado em determinado discurso antes mesmo de sua execução. Esse traço aproxima a função dos gêneros na retórica àquela que eles desempenham na literatura. (cf. MEYER, 2007)

Alguns estudiosos (FIGUEIREDO, 2014; FIGUEIREDO & RADI, 2016; ALVES, 2016; VAN DOREN, 2016; ELEUTÉRIO, 2016; FIGUEIREDO & SANTOS, 2016) pregam e demonstram mostras de *ethos* nos gêneros hodiernos. Assim, o estudo das mostras *ethicas* deixa de ser exclusividade dos gêneros retóricos e passa a abranger qualquer manifestação discursiva/textual, uma vez que estas, por utilizarem a linguagem para manifestar-se, são carregadas de subjetividade, e singelas escolhas linguísticas e temáticas podem servir de base para detectarmos o *habitus* do orador.

Segundo Aristóteles (2005), na obra *Retórica*, o *ethos* é a mais importante das três provas, pois, acredita-se mais e melhor nas pessoas que pareçam confiáveis e de boa índole. Assim, a ênfase de nosso trabalho assentar-se-á no engendro do *ethos* e nas interrelações entre este, os propósitos comunicativos e os gêneros discursivos. Buscaremos, em nosso trabalho, averiguar de que forma Danilo Gentili demonstra seu *ethos* em um contexto comunicativo com o qual está habituado – o universo humorístico –, mas que conta com uma participação distinta, ou seja, a figura de um sacerdote católico. Para isso, averiguaremos, como *corpus*, uma entrevista concedida a Gentili por padre Fábio de Melo no programa televisivo *The Noite*. Esperamos, com o respaldo das análises a serem empreendidas, demonstrar como o comediante se porta ao recepcionar um sacerdote em seu programa e, concomitantemente, compreender o comportamento do sacerdote ao visitar um programa marcadamente cômico. Pretendemos, assim, conceber a forma como os contextos comunicativos interferem no engendro do *ethos* dentro dos gêneros.

1. O gênero entrevista

Antes de partirmos para as considerações acerca do gênero no qual se enquadra nosso *corpus*, a entrevista, é necessário que compreendamos o que são os gêneros e por qual motivo os textos/discursos de nossa língua são, assim, categorizados.

Para cada um dos diversos objetivos de comunicação, ou melhor, para cada propósito comunicativo, o indivíduo possui algumas alternativas de comunicação, com um padrão textual e discursivo socialmente reconhecido, isto é, um gênero do discurso que é adequado ao propósito em questão. (CAVALCANTE, 2013, p. 44-45)

A língua, em sua amplitude comunicativa, possui possibilidades infinitas de criação textual. Permitir que cada falante lançasse mão de sua criatividade na organização textual/discursiva impediria o sucesso dos atos comunicativos, pois, assim, o falante estaria sempre em contato com novidades organizacionais e, a cada novo contato, seria necessário um estudo que lhe fornecesse embasamentos para compreender a intenção do texto e, também, de seu autor.

Para que tal problemática fosse extinta, naturalmente convencionaram-se determinadas formatações que são socialmente reconhecidas. Assim, os textos assumem uma forma com base naquilo que os usuários da língua buscam alcançar com sua produção. Dessa maneira, permitiu-se aos ouvintes que, por intermédio de organizações textuais estabelecidas, saibam *a priori* qual a temática tratada pelo texto com o qual estão em contato. A essas organizações preestabelecidas, denominamos gêneros. Vimos, até aqui, que os gêneros são formatações convencionadas, no entanto Viotto trata de sua dinamicidade. Vejamos:

Por outro lado, é um campo aberto que oferece possibilidades de escolha permitindo a criatividade, adaptando-se, renovando-se e multiplicando-se, e por isso precisa ser estudado não somente pela forma ou a estrutura, mas pela sua dinamicidade, pelo papel social que desempenha e como forma de interação entre os sujeitos. (VIOTTO, 2008, p. 12)

Ou seja, embora os gêneros possuam uma formatação específica, estão abertos para serem modificados dependendo da necessidade ou preferência daqueles que deles lançam mão. Marcuschi (2010) denomina de plasticidade essa característica dos gêneros.

Como vimos, os textos/discursos possuem características próprias que os fazem pertencer a este ou àquele gênero determinado. O texto que constitui nosso *corpus* insere-se no gênero entrevista. Arrolamos, então, algumas características que tradicionalmente são assumidas por este gênero. Tais características foram explicitadas nos estudos de Brito (2007, p. 148-152): 1) Encontro entre duas ou mais pessoas, havendo, sempre, a presença de dois papéis: o entrevistador (responsável pelas perguntas e mediação do ato

comunicativo) e o entrevistado (alvo dos questionamentos e responsável pelas informações transmitidas). 2) Possui como objetivo comunicativo angariar informações ou, até mesmo, opiniões que serão difundidas midiaticamente. 3) O lugar, espaço físico, onde se dará a execução da entrevista, e o horário são, sempre, estabelecidos previamente. A temática da entrevista, não necessariamente. 4) Presença de um ou mais auditórios que regem o tom da entrevista. As perguntas formuladas e as respostas dadas às mesmas devem satisfazê-los.

Costa (2012, p. 115-116), em seu *Dicionário de gêneros textuais*, traz algumas reflexões linguísticas acerca desse gênero no verbete Entrevista. Além do que se assemelha com os tópicos que elencamos acima, gostaríamos de ressaltar essa consideração: “Trata-se, em qualquer caso, de um gênero formal de troca/ busca de informações, em que o entrevistador deve estar seguro sobre o que vai perguntar a fim de obter informações relevantes”. De posse dessas características do gênero entrevista que auxiliarão nos resultados finais deste trabalho, partiremos, a seguir, para uma reflexão acerca da prova retórica sob a qual recai a ênfase de nossa pesquisa, ou seja, o *ethos*. Estabeleceremos, assim, os conceitos base que norteiam os estudos dessa prova sob o prisma retórico e quais recursos fornecerão, dentro do *corpus*, a possibilidade de sua análise.

2. O *ethos*

Quando um orador se propõe a formular um determinado discurso, com base em um propósito a ser alcançado por meio dessa produção, é necessário que ele saiba deixar impresso no seu texto caminhos que levem o auditório a perceber qual é sua moral e seus costumes. Ora, é notório que nos forneça maior credibilidade aquele orador que se faz parecer competente, digno e senhor de boa reputação. Faz-se favorável, portanto, que o orador crie seu texto delineando um caminho que leve o auditório a essa percepção, todavia essa representação não tem obrigatoriedade de ser fidedigna à realidade.

É o *éthos* (caráter) que leva à persuasão, quando o discurso é organizado de tal maneira que o orador inspira confiança. Confiamos sem dificuldade e mais prontamente nos homens de bem, em todas as questões, mas confiamos neles, de maneira absoluta, nas questões confusas ou que se prestam a equívocos. No entanto, é preciso que essa confiança seja resultado da força do discurso e não de uma prevenção favorável a respeito do orador. (ARISTÓTELES, *apud* FIORIN, 2015, p. 70)

Como, ainda, é proposto na citação acima, o *ethos* deve ser construído discursivamente. Nos três gêneros retóricos, em que a finalidade do discurso é puramente persuasiva, a construção do *ethos* deve acontecer de forma explícita com base naquilo de que já tratamos. Todavia, mesmo nos gêneros em que a persuasão não é a motriz da criação discursiva, também podemos captar mostras *ethicas*, no entanto estas se apresentam implicitamente.

Nosso *corpus* pertence ao grupo dos gêneros nos quais a persuasão não caracteriza função primordial, portanto nossas análises captarão elementos que distribuídos, implicitamente, dentro da organização textual direcionam para o entendimento do *ethos*. A visão que norteia nosso trabalho e orienta a construção do *ethos* sob esse prisma advém dos estudos realizados por Eggs (2005, p. 31):

O lugar de engendro do *ethos* é, portanto, o discurso, o *logos* do orador e esse lugar se mostra apenas mediante as escolhas feitas por ele. De fato, toda forma de se expressar resulta de uma escolha entre várias possibilidades linguísticas e estilísticas.

Assim, os elementos que utilizaremos para corroborar nossas hipóteses serão linguísticos e estilísticos. Esses elementos direcionam nosso olhar para as escolhas que cada orador executa durante o ato comunicativo. Tais escolhas são de cunho subjetivo e refletem o caráter e os valores inerentes ao enunciador. Ademais, consideraremos, ainda, todo o contexto enunciativo, pois, segundo Fiorin (2015, p. 71): “Em termos mais atuais, dir-se-ia que o *ethos* não se explicita no enunciado, mas na enunciação”.

Conhecendo os caminhos que nortearão nossa busca pelo entendimento do *ethos*, partiremos para as análises de cunho qualitativo a fim de vislumbrar os processos de engendro dos *ethe* tanto do entrevistado quanto do entrevistador e entender como, nesse texto, esse processo atua para elevar as chances de conseguir êxito no alcance do propósito que motivou essa construção textual.

3. Auditórios e o *ethos* imanente

Partiremos, agora, para as reflexões acerca da entrevista que será o objeto de nossas análises. Como já apresentamos acima, há, na entrevista, a figura do auditório, e este rege sua execução. Assim, podemos estabelecer que a intenção da entrevista seja ter como produto final a satisfação de seu auditório. Ora, satisfazer as necessidades do auditório é um dever do orador.

Para essa nossa pesquisa, selecionamos um *corpus* no qual dois oradores buscam, primeiramente, dialogar entre si e, posteriormente, fazer com que esse diálogo seja um produto hábil a responder as necessidades de seus respectivos auditórios. Nesse momento, cabe fazermos uma retomada aos estudos de Brito (2007, p. 156) e consideramos as formas de interação que ela afirma estabelecer-se na entrevista televisiva: “a) entrevistador X entrevistado; b) Entrevistado X público; c) entrevistador X público e d) entrevistador + entrevistado X público”.

Com base nessas informações, nossas análises buscarão entender como entrevistador e entrevistado atuaram como auditório um do outro, como atuaram juntos para agradar o auditório em geral e, ainda, como atuaram cada um em vista de seus auditórios particulares. Nesse tocante contamos com uma reflexão de Brito (2007, p. 156-157) quando declara:

Se o entrevistador é aquele que quer saber e, para isso, procura fazer o entrevistado falar, este último se manifesta de tal forma a atender, sempre que possível, às expectativas de seu interlocutor. Logo, tanto o entrevistador como o entrevistado procuram, numa primeira instância, informar e convencer o público, e é justamente nesse aspecto que surge a particularidade desse tipo de interação, isto porque ambos são cúmplices na tarefa de comunicação comum e, simultaneamente, oponentes na conquista desse mesmo receptor.

Consideramos, *a priori*, que, além de entrevistador e entrevistado como auditório um do outro, existia outro auditório, aquele que de alguma forma terá acesso à entrevista, este auditório está dividido em dois, a saber, um auditório interno, formado pelas pessoas presentes no local de execução da entrevista, e um auditório externo, composto por todas as pessoas que tiverem acesso a ela. Faremos, a seguir, uma descrição de cada um dos oradores e estabeleceremos quais são os públicos particulares que cada um deles procurou satisfazer, do ponto de vista *ethico*.

Danilo Gentili, o entrevistador, é um renomado comediante brasileiro. Um dos grandes nomes do *Stand-up Comedy* e atualmente apresentador do *The noite*, que vai ao ar de segunda a sexta-feira na emissora televisiva SBT. Gentili, conhecido por sua crítica desvelada e áspera, traz à baila assuntos polêmicos e desconfortáveis. Tal fator fez com que suas entrevistas se tornassem conhecidas. Essa imagem, construída por aqueles que acompanham seu trabalho, faz com que seu auditório fiel espere que essa seja sua postura ao protagonizar o papel de entrevistador.

Padre Fábio de Melo, entrevistado, é um sacerdote brasileiro reconhecido pela espiritualidade que prega e por atuar, também, no campo musical. Logo, cabe a ele atender seu auditório de fiéis religiosos, mas não somente este. É necessário, ainda, ao Padre, prezar pela representatividade de uma instituição maior que sua figura de sacerdote evoca, essa instituição é a igreja católica. Teremos, ainda, por detrás de tudo isso, a mídia que, mediante qualquer deslize, estará a postos para pôr em xeque sua idoneidade.

Com essas reflexões pudemos notar que ambos os oradores possuem uma imagem cristalizada mediante seus auditórios. Essa imagem, que cada um deles possui, é ligada ao itinerário percorrido por eles naquilo que fazem. É importante ressaltar que conta, e muito, nessa construção, a outorga que determinadas instituições concedem às pessoas. Em nosso caso, por exemplo, Danilo Gentili construiu sua imagem crítica por conta do aval que a mídia, generalizando os locais nos quais ele trabalhou, concedeu-lhe. Padre Fábio de Melo, por sua vez, possui outorga da igreja para realizar tudo o que faz e, em função de seu caráter público, é importante o que a mídia lhe dá a possibilidade de fazer.

Assim, estamos falando de um *ethos* projetivo, ou seja, a projeção que cada auditório específico espera encontrar naquele que discursa. Meyer, ao tratar desse conceito, fala em *ethos* imanente (projetivo) e não imanente (efetivo): “É preciso então distinguir entre um *éthos* imanente, que é a projeção da imagem que deve ter o *éthos* aos olhos do *páthos*, e um *éthos* não-imanente, mas efetivo” (MEYER, 2007, p. 35-36). Padre Fábio de Melo deixa explícito, em um momento da entrevista, que ele não fala apenas por si, mas que representa uma instituição:

Padre Fábio de Melo: E é claro que a igreja vai prestar atenção em nós, mesmo porque eu não sou o proprietário da minha igreja... Eu não tenho o direito de sentar aqui... Danilo... E falar muitas vezes o que eu penso... Se você me convida como padre eu estou de alguma maneira representando a minha instituição... Então... Eu não tenho direito de ficar aqui com achismos... Diferente de um pastor que tem a liberdade de falar o que quer... De expressar-se como pretende... No meu caso... No do padre Marcelo... É claro que a igreja presta atenção em nós... Pra ver se estamos em consonância com aquilo que ela nos autoriza.¹ (GENTILI, 2014, 24’16” – 24’50”)

Assim, mediante a evidência de que Padre Fábio de Melo necessita transmitir valores condizentes com sua instituição religiosa, analisaremos

¹Na transcrição da entrevista, foram utilizadas as normas propostas pelo Projeto NURC. (PRETI, 2003, p. 13-14).

como ele interagirá com Gentili e respeitará esse limite do dizível a ele estabelecido.

4. Tentativa de desconstrução da sacralidade

Como é de praxe, Danilo Gentili faz uma pequena apresentação daquele que entrará no palco para ser seu entrevistado. É nesse momento que, como ilustrado no excerto abaixo, Gentili convida a todos aqueles que estão no espaço da entrevista para assumirem uma postura respeitosa, levando em consideração a figura do entrevistado: um sacerdote. Pretende, assim, segundo o próprio entrevistador, evitar o acometimento de um sacrilégio (que se caracteriza como a profanação de lugares, objetos ou pessoas que representam ou evocam o sagrado). Porém, como veremos, essa suposta tentativa constituirá uma ironia:

Danilo Gentili: Olha... Não vamos cometer nenhum sacrilégio... Por favor... Diguinho... Você que é uma pessoa... Como posso dizer?... Deselegante... Escrota... Vamos receber um sacerdote aqui... Se você puder se conter... Pelo menos vamos respeitar... Todos... Né? Diguinho... Quem vamos receber aqui?

Diguinho: Padre Fábio de Melo – ((Logo em seguida procede-se a entrada do Pe. Fábio, enquanto a banda do programa toca.)). (GENTILI, 2014, 00'00" – 00'25")

Gentili instaura a possibilidade de um sacrilégio acontecer quando solicita que não se cometa um. Porém, ao mesmo tempo em que o faz, comete, na mesma frase, uma forma de desrespeito ao fazer uso de um xingamento (que não deixa de ser um tabu linguístico), adjetivando o colega de trabalho como “escroto”. Temos, dessa maneira, uma discrepância entre o dizer e o fazer, que, de acordo com Figueiredo (2016, p. 196-197), configura a figura retórica da ironia, também concebida pela autora como uma “dissimulação do enunciador”.

Esse tropo, cujo nome tem origem grega (*eironeia*), pode ser entendido como um alargamento semântico, uma inversão, uma difusão sêmica, que ocorre, por exemplo, quando o enunciador simula dizer alguma coisa para significar exatamente o seu oposto. Na esteira de Meyer (1998, p. 127), entendemos que a ironia é mais do que uma mera figura verbal, ela é também uma atitude subjetiva.

A manifestação dessa figura nos fornece indícios de um orador cujo *ethos* é o de politicamente incorreto. Ora, é como se soubesse e conhecesse tão bem a si mesmo e a sua equipe a ponto de saber que, nesse contexto, não

seria possível recepcionar um sacerdote sem “profanar” sua representatividade. Criou-se, então, uma situação em que seriam confrontados o profano e o divino. Salientamos ainda que a reflexão trazida pela autora acerca do posicionamento de Meyer (1998) corrobora nossa hipótese da manifestação do *ethos* pelos traços subjetivos manifestados discursivamente.

Após alguns minutos de entrevista, o assunto em questão passa a ser os conflitos por conta do solo sagrado na Terra Santa. Padre Fábio de Melo posiciona-se a favor do diálogo entre as religiões. Esse assunto ocasiona a seguinte palavra:

Danilo Gentili: Eu vejo que o... que o... Padre é a favor do diálogo... É a favor de tudo... mas... por exemplo...

Padre Fábio de Melo: Eu acho que o diálogo é que nos conduz à verdade. Né?

Danilo Gentili: Mas e no caso do Isis... por exemplo...que o Isis mata... O estado islâmico do Isis mata os cristãos e diz o seguinte... não vamos parar enquanto todo mundo não se curvar a Alá... O que fazer nesse caso?

Padre Fábio de Melo: Não... Aí não pode haver... Aí não tem... Não há tolerância com uma situação dessas.

Danilo Gentili: É bala memo... Padre?

Padre Fábio de Melo: Eu não posso dizer isso ((ambos riem))

Danilo Gentili: O que que faz?

Padre Fábio de Melo: Eu acho que a gente tem que ser muito duro... Eu... quando digo eu... não sou bem eu... nós... enquanto humanidade... A gente precisa se tornar cada vez mais consciente... Danilo... porque a gente olha para esses conflitos que estão acontecendo muito distantes de nós... e a gente faz um... acha aquilo um absurdo...aí... de repente... você particulariza o mundo e vê que a gente faz esses conflitos com o vizinho da gente...

Danilo Gentili: Exato...

Padre Fábio de Melo: Então... eu não tenho como pacificar a faixa de gaza... Mas eu posso viver bem dentro da minha casa... Posso fazer um esforço pra eu lidar bem com meu vizinho... Eu posso fazer um esforço para lidar com o evangélico que é diferente de mim... com o homossexual que fez uma escolha diferente da minha... Eu posso ser mais amável com as pessoas que creem de uma maneira diferente de mim... Então... aí ...você particulariza o que é possível... Porque eu não tenho como resolver o conflito lá... Eu não tenho nenhuma ideia de como possa resolver isso. (GENTILI, 2014, 05'52" – 07'11")

Esse trecho da entrevista nos encaminha para perceber uma armadilha discursiva que tenta levar o entrevistado a se contradizer. O entrevistador, ao dizer “Eu vejo que o... que o... Padre é a favor do diálogo... É a favor de tudo...”, quer colocar seu entrevistado no lugar de defensor do diálogo e conseqüentemente da paz. No entanto, continua a frase com o uso de uma conjunção adversativa “mas” seguida, a título de exemplo, por uma situação de obstinação ideológica do Estado Islâmico do Isis, que extrapola o limite de diálogo. O uso dessa conjunção adversativa nos faz pensar que Gentili tenta

averiguar até que ponto o padre é a favor do diálogo. Assentado na situação limítrofe apresentada, o entrevistador propõe, então, uma resolução embasada no confronto armado. Se concordar com esse tipo violento de resolução do problema, o padre irá se contradizer. Padre Fábio, porém, responde que não pode dizer isso. No entanto, essa resposta concentra uma vagueza de informação; afinal, não poder dizer não implica não concordar. Certamente, o sacerdote se reconhece no papel de um formador de opinião e, também, tem consciência de que representa uma instituição que prima pela paz. Qualquer afirmação que contradiga essa primazia pode e causará uma repercussão negativa de sua imagem.

Ao concluir, o sacerdote faz uma observação que leva quem a ouviu a refletir sobre como cada ser humano pode auxiliar para o acontecimento da paz dentro de sua própria esfera de atuação. Essa colocação catequética faz com que a opinião de Fábio de Melo, homem comum, seja nula, e a palavra da instituição religiosa a qual ele representa se manifeste, revelando um *ethos* prudente de quem, por meio de seu ministério, empresta voz a Deus, para que este fale. Dessa maneira, notamos que Padre Fábio esquivou-se de uma das ferramentas selecionadas pelo entrevistador, qual seja, a tentativa de induzir o entrevistado a se contradizer.

No decorrer da entrevista, a pauta versou sobre a vida de padre Fábio antes do seminário. Segue a transcrição do excerto:

Danilo Gentili: Você foi ordenado padre em 2001?

Padre Fábio de Melo: Em 2001 eu fiquei padre

Danilo Gentili: O que você fazia antes?

Padre Fábio de Melo: Eu trabalhava com carnaval... antes de entrar pro seminário... é

Danilo Gentili: COMO É QUE É... No carnaval? ((usa tom de voz completamente irônico))

Padre Fábio de Melo: É... eu era... eu ajuda... eu trabalhava com projetos de carros alegóricos e fazia desenvolvimento de enredo.

Danilo Gentili: No carnaval?

Padre Fábio de Melo: É

Danilo Gentili: Imagino eu que não só trabalhava como desfrutava da festa também?

Padre Fábio de Melo: Também... Eu gosto muito de carnaval... Eu acho uma riqueza fantástica... do ponto de vista cultural... Você contar uma história através de alegorias... de pessoas fantasiadas... Você colocar na avenida... Você tornar compreensível um fato... uma cidade... uma história a partir de arte cênica. (GENTILI, 2014, 07'40" – 08'22")

Padre Fábio de Melo afirma que, anteriormente a entrada no seminário, trabalhara no carnaval. Gentili, evidenciando seu *ethos* de irônico, questiona:

“como é que é?”, dando a entender que teve a sensação de ter ouvido errado, pois parece, para ele, inconcebível a ideia de ter nascido uma vocação em alguém que trabalhara no carnaval.

Mediante o tom irônico da pergunta, o entrevistado demonstra que sua resposta necessita ser bem formulada, de forma a não o comprometer. O tempo utilizado cognitivamente pelo entrevistado para uma boa formulação da resposta se manifesta linguisticamente, por meio de reformulações da fala. Esta nossa apreensão se deu pela análise do seguinte trecho: “*É... eu era... eu ajuda... eu trabalhava com projetos de carros alegóricos e fazia desenvolvimento de enredo*” Nossas demarcações em itálico mostram o uso de pausas. Dentre as funções linguísticas exercidas pela pausa, temos seu uso que se manifesta de forma inesperada e significa reorganização da fala (cf. FIGUEIREDO, 2006, p. 123).

Após a reafirmação do Padre de que trabalhara no carnaval, Gentili insinua que o padre não só trabalhava como também desfrutava da festa. Padre Fábio diz que sim, que desfrutava porque gosta muito de carnaval. E apresenta seus motivos para gostar do carnaval, e estes remetem para uma óptica artística ao apreender esse movimento cultural de representatividade.

Tal observação nos remete para a afirmação de Meyer: “a fronteira entre o louvor e a censura é totalmente retórica” (MEYER, 1998, p. 150). Ora, temos aqui, visivelmente, uma destoaância daquela que seja a significação do carnaval para Gentili e para Padre Fábio. Este o vê como um evento representativo da cultura brasileira, que valoriza, senão, a arte; aquele o vê como um evento mundano, que remete ao campo dos pecados. A visão de Padre Fábio é o louvor, a de Gentili, a censura, usada para questionar a idoneidade do entrevistado. Com base em Meyer, podemos estabelecer que, no presente estudo, a diferença entre louvor e censura é retórica, pois nos permite apreender o *ethos* prudente de um e polêmico do outro.

Durante determinado momento da entrevista, o assunto tratado passa a ser “música”. Gentili faz o seguinte questionamento:

Danilo Gentili: Padre... Conhece bem o trabalho do Roger?

Padre Fábio de Melo: Conheço.

Danilo Gentili: Bem mesmo?

Padre Fábio de Melo: Demais.

Danilo Gentili: Conhece a fundo?

Roger: Lá vem... Cuidado! Cuidado!

Danilo Gentili: Bom deixa pra lá... Tem uma revista dele... mas acho que não é pro padre essa. ((Padre Fábio ri)) ((Gentili mostra uma revista G magazine, para qual Roger posou nu)).

Padre Fábio de Melo: Só soube da existência ((ri)). (GENTILI, 2014, 20'06" – 20'27")

Novamente, há uma armadilha do entrevistador para colocar Padre Fábio em uma situação constrangedora. Quando questionado se conhecia bem o trabalho de Roger (vocalista da banda do programa), Padre Fábio imagina que o questionamento seja referente ao campo musical, no entanto Gentili se refere a uma revista para o público gay, para qual Roger posou nu. Para construir essa armadilha, que se funda na pluralidade de sentidos de determinadas construções idiomáticas, o entrevistador usa a expressão “a fundo” que possui, nesse contexto, duas interpretações: uma referente ao nível de conhecimento do padre acerca do trabalho de Roger, e outra que tem uma conotação sexual.

Podemos ressaltar, ainda, a cilada construída pelo entrevistador ao dizer “tem uma revista dele... mas acho que não é pro padre essa”. Ao usar a expressão “não é pro padre essa”, ele deixa transparecer que esse tipo de publicação não seja próprio para padres, mas o fato de essa expressão ser precedida pelo verbo “achar” levanta uma dúvida acerca do fato: pode ser que o padre conheça sim esse trabalho e, dessa maneira, esteja em desacordo com princípios referentes à castidade e ao celibato. Detectamos outra construção irônica quando o entrevistador diz “bom... deixa pra lá”. Nesse caso, o entrevistador afirma querer abandonar o tema, quando, na verdade, o efeito por ele pretendido já havia sido alcançado.

Já bem próximo do final da entrevista, Danilo Gentili pede um favor ao Padre Fábio, qual seja, o exorcismo de um espírito de um gato. Ao final da simulação do exorcismo, há, como sequência, o diálogo que transcreveremos a seguir:

Danilo Gentili: Quer dizer... O padre Fábio estudou teologia... Quantos anos?

Padre Fábio de Melo: Eu estudei dezesseis anos para ser padre.

Danilo Gentili: Dezesseis anos para ser padre... para vir para num programa como esse.

Padre Fábio de Melo: Com um gato emacorado.

Danilo Gentili: Pois é...

Padre Fábio de Melo: Tá mais para maconheiro que para endemoniado

Danilo Gentili: Que palhaçada Né!... Como é que você se sente?

Padre Fábio de Melo: É um prazer muito grande estar aqui.

Danilo Gentili: Você nos perdoa por isso?

Padre Fábio de Melo: Que é isso... A brincadeira... o... o humor faz parte da vida.

Danilo Gentili: Mesmo quando é sem graça?

Padre Fábio de Melo: Mesmo quando é sem graça...

Danilo Gentili: Ok. Muito obrigado... Padre Fábio de Melo... Voltamos já já... com mais *The noite*. ((saída para os comerciais)). (GENTILI, 2014, 36'15" – 36'47")

Já nos momentos finais do diálogo, notamos que a proposta inicial de não cometer um sacrilégio foi completamente rompida, pelos fatos e diálogos ocorridos durante a entrevista, os quais foram evidenciados nas análises. Houve, ainda, ao final, a tentativa de banalização de um ritual sério da fé católica, que podemos considerar o de maior relevância, que se caracterizou pelo ato de representar um exorcismo de forma profana. Salientamos, ainda, que o fato de expressar, no início da entrevista, a vontade de não cometer um sacrilégio pode ser considerado um estabelecimento de acordo prévio com o auditório, que, como vimos, não se susteve. Segundo a teoria retórica, esse rompimento de acordo pode desestruturar o *ethos* construído, contudo, em nosso *corpus*, a ruptura reafirma o *ethos*, uma vez que Gentili se reconhece e comprova seu caráter polêmico e politicamente incorreto. Portanto, a incongruência entre o dizer e o agir, ainda que o dizer estivesse marcado pela ironia e, dessa maneira, não revelasse a seriedade no dito, acentua os traços polêmicos de sua personalidade.

Ao finalizar, o entrevistador diz “veja, tantos anos de estudo para vir parar aqui”, essa reflexão reafirma seu *ethos* polêmico e, dessa maneira, retoma tudo aquilo que nossas análises evidenciaram, ou seja, a figura do entrevistado e seu lugar social de representante religioso não exerceram força superior que modificasse o *ethos* de Gentili frente a seu auditório, pelo contrário, forneceu ao entrevistador material polêmico a ser explorado.

5. *Eunoia, phronesis e arete*

Fiorin retoma, em seus estudos, uma reflexão de Aristóteles na qual o *ethos* é subdividido em três modalidades: *eunoia*, *phronesis* e *arete*. As características de cada uma delas serão arroladas abaixo:

Podemos, então, ter três espécies de *éthe*: a) a *phrónesis*, que significa o bom senso, a prudência, a ponderação, ou seja, que indica se o orador exprime opiniões competentes e razoáveis; b) a *areté*, que denota a virtude, mas virtude tomada no seu sentido primeiro de “qualidades distintivas do homem” (latim *uir, uiri*), portanto a coragem, a justiça, a sinceridade; nesse caso, o orador apresenta-se como alguém simples e sincero, franco ao expor seus pontos de vista; c) a *eúnoia*, que significa a benevolência e a solidariedade; nesse caso, o orador dá uma imagem agradável de si, porque mostra simpatia pelo auditório.

O orador que se utiliza da *phrónesis* se apresenta como sensato, ponderado e constrói suas provas muito mais com os recursos do *lógos* do que com os do *páthos* ou do *éthos* (em outras palavras, com os recursos discursivos); o que se vale da *areté* se apresenta como desbocado, franco, temerário e constrói suas provas muito mais com os recursos do *éthos*; o que usa a *eúnoia* apresenta-se como alguém solidário com seu enunciatário, como um igual, cheio de benevolência e de benquerença e erige suas provas muito mais com base no *páthos*. (FIORIN, 2015, p. 71)

Partamos, agora, para uma averiguação dos *ethe* de nossos oradores a fim de saber em qual modalidade eles se encaixam. Danilo Gentili, segundo nossas análises, iniciou a entrevista convidando todos os presentes a se portarem de forma a não cometer nenhum sacrilégio. Todavia, ao longo da entrevista, ele mesmo quebra esse acordo, que, para nós, caracterizou um contrato prévio com o auditório. No entanto, para seu público fiel, essa atitude foi uma reafirmação de seu *ethos*, uma vez que ele se autodenomina politicamente incorreto (FIGUEIREDO & RADI, 2016). Logo, podemos estabelecer que, para corresponder às expectativas de seu auditório, o entrevistador lançou mão dos recursos do *ethos* projetivo sobre si e o manteve.

Averiguamos ainda que, no decorrer da entrevista, Gentili procurou desconstruir a imagem de representante do divino que havia construído, no início, para a figura do entrevistado. Para tal feito, lançou mão de temas polêmicos e os trouxe à baila, delineando, assim, caminhos que pudessem levar o padre a se contradizer; postura que faz com que o vejamos como: polêmico, sincero e desbocado. Essas características do entrevistador constituem, como vimos, o *ethos* de *arete*.

Padre Fábio de Melo, durante a entrevista, demonstrou uma boa *performance* ao lidar com todas as armadilhas criadas pelo entrevistador para colocá-lo em situações desconfortáveis. O recurso argumentativo do qual lançou mão para atingir tal sucesso adveio das estratégias discursivas por ele utilizadas. Podemos citar, como exemplo, a análise do caso dos conflitos religiosos, em que ele se esquivava de uma pergunta polêmica e ainda profere uma catequese sobre a paz. Nesse sentido, ao construir suas provas com os recursos do *logos*, constrói para si um *ethos* de *phronesis*, que se sobressai aos demais. A forma como essa modalidade se explicita fica bastante evidente, ao percebermos que padre Fábio de Melo entende que a comédia e o humor fazem parte da vida. No entanto, ele é prudente o bastante para se reconhecer como formador de opinião e representante de uma instituição

milenar e, por esse motivo, o humor não deve se sobrepor aos valores da instituição que ele representa.

Considerações finais

De acordo com a proposição de Eggs (2005), nossas análises e reflexões acerca desse *corpus* foram embasadas nas escolhas linguísticas e estilísticas realizadas pelos oradores; tais seleções, por seu caráter subjetivo, levaram-nos a conceber seus *ethe*. Todavia, todas essas escolhas, que compõem o *logos* (discurso), atuaram, também, como ferramenta do orador na busca do alcance de um propósito comunicativo, qual seja: a criação de um discurso que atendesse às expectativas do auditório.

Entendemos que cada um dos dois oradores buscou reafirmar seu *ethos* projetivo. Contávamos, de um lado, com Gentili, que buscava satisfazer seu público e, para isso, precisava ser crítico, polêmico, controverso, politicamente incorreto e desbocado; de outro lado, com padre Fábio, que precisava ser conselheiro, prudente, a favor da paz, dono de uma boa moral para responder às demandas de seus fiéis e de sua instituição. Ora, a entrevista aconteceu, os oradores reafirmaram seus *ethe* de uma forma adequada às expectativas de seus auditórios, e as estratégias utilizadas para isso foram evidenciadas nesta pesquisa.

Estabelecemos, assim, a presença de dois oradores que, ao compartilhar um contexto de enunciação, buscavam êxito no alcance de seu propósito comunicativo. Como ferramenta para tal, lançaram mão do gênero textual/discursivo entrevista. As escolhas linguísticas e estilísticas efetuadas na execução do gênero forneceram a nós os caminhos para apreendermos os *ethe* dos oradores. Assim, observamos que o gênero discursivo serviu como local para o engendro do *ethos*, ao mesmo tempo em que permitiu, aos oradores, perseguir seus respectivos propósitos comunicativos. Dessa maneira, podemos inferir que o fim comunicativo atua sobre os gêneros textuais/discursivos impondo-lhes suas coerções. É nesse aspecto que nossa análise, empreendida em um *corpus* delimitado, permite-nos fazer generalizações e contribuir com a teoria retórica, ao demonstrarmos que é na busca pelo alcance do propósito comunicativo que o *ethos* é engendrado. Essa estratégia argumentativa carrega, em sua essência, a função de responder questionamentos conflituosos e findar as discussões acerca do tema, portanto, em textos puramente retóricos ou não, como é o caso do nosso, a

construção de uma imagem positiva do orador se manifesta como um recurso a ampliar a possibilidade de angariar êxito nos processos de convencimento ou cumprimento dos propósitos comunicativos.

Referências

ALVES, Andréia Carla Melegati Rodrigues. **As muitas faces de um autor: a construção do ethos retórico em contos machadianos**. 2016. 127 f. Dissertação de mestrado (Mestrado em Linguística) - Universidade de Franca, Franca, 2016.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, Abel do Nascimento Pena. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

BRITO, Eliana Vianna. A entrevista na TV: afinal, o que é esse gênero midiático? In: SILVA, Elisabeth Ramos.; UYENO, Elzira Yoko.; ABUD, Maria José Milharezi. (Orgs.). **Cognição, afetividade e linguagem**. Taubaté: Cabral, 2007. p. 147-184.

CAVALCANTE, Monica Magalhães. Intertextualidade. In: _____. (Org.). **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 145-173.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de Gêneros Textuais**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Trad. Dilson Ferreira da Cruz; Fabiana Komesu; Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005. p. 29-56.

ELEUTÉRIO, Daniele Giacomo. **Mediadores da fé: análise do ethos de pregadores carismáticos**. 2016. 190 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca, 2016.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. (publicado originalmente como BOLLELA, Maria Flávia Figueiredo Pereira.). A prosódia como instrumento de persuasão. In. LOUZADA, Maria Sílvia Olivi. (Org.). **Processos enunciativos em diferentes linguagens**. Franca: Unifran, 2006. p. 113-128. (Coleção Mestrado em Linguística, 1)

_____. Pra morrer de rir: as figuras na constituição do ethos do contador de causos. In. _____. PERNAMBUCO, Juscelino; FERREIRA, Fernando Aparecido; LUDOVICE, Camila de Araújo Beraldo. (Orgs.) **Textos: sentidos, leituras e circulação**. Franca: Unifran, 2014. p. 131-150. (Coleção Mestrado em Linguística, 9).

_____. A retórica, a linguística e os mecanismos de subversão da linguagem: a ironia como exemplo. In. FERREIRA, Fernando Aparecido; LUDOVICE, Camila de Araújo Beraldo. PERNAMBUCO, Juscelino. (Orgs.) **O texto: processos, práticas e abordagens teóricas**. Unifran, 2016. p. 193-214. (Coleção Mestrado em Linguística, 11).

_____; RADI, Alan Ribeiro. O orador humorístico: a construção do ethos na comédia. **Texto Livre**, v. 9, p. 48-61, 2016.

_____; SANTOS, Farnei. A hierarquia de valores e o ethos de Madre Teresa de Calcutá no discurso fílmico. **Revista Trama** (UNIOESTE. Online), v. 12, p. 50-77, 2016.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

GENTILI, D. **The noite (27/10/14) – Entrevista Padre Fabio de Mello**. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=mpl6Qx_hUxw>. Acesso em: 5 out. 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: _____. (Org.). **Gêneros textuais: constituição e práticas sociodiscursivas**. São Paulo: Cortez, 2010. s/ numeração.

MEYER, Michel. **Questões de retórica: linguagem, razão e sedução**. Lisboa: Edições 70, 1998.

_____. **A retórica**. Trad. Marli M. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 2003.

VAN DOREN, Stela Dias Milhim. **O ethos do professor em videoaulas: o caso da língua inglesa**. 2016. 145 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca, 2016.

VIOTTO, Maria Eugênia da Silva. **As concepções de gênero textual/discursivo do professor de língua portuguesa**. Artigo apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Goioerê, PR, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2254-8.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

Forma de citação sugerida:

RADI, Alan Ribeiro; FIGUEIREDO, Maria Flávia. A constituição do ethos em perguntas e respostas: o caso da entrevista. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 14, p. 1-18, jul/dez.2017.

Recebido em: 01/09/2017

Aprovado em: 05/11/2017